

A SIGNIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA EM HISTÓRIAS DE TIA NASTÁCIA: UMA ANÁLISE DE ENUNCIÇÕES DE PEDRINHO, EMÍLIA E DONA BENTA

Florisbete de Jesus Silva¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como a mulher negra é significada na obra *Histórias de Tia Nastácia*, de Monteiro Lobato. Para tanto, articularemos conceitos desenvolvidos pela Semântica do Acontecimento, teoria enunciativa que considera o estudo da enunciação como o lugar onde o sentido é historicamente construído na relação do sujeito com a língua, no acontecimento, e o texto é visto como uma unidade complexa de significação que integra enunciados, os quais apresentam no seu funcionamento uma consistência interna e uma dependência relativa, que os fazem significar. Tomando como base os comentários das personagens Pedrinho, Emília e Dona Benta, nosso olhar volta-se para os sentidos projetados sobre a mulher negra, bem como para os diferentes efeitos que tais sentidos podem produzir. As análises apontam, nessas enunciações, sentidos que reforçam o preconceito e a discriminação em relação à mulher negra, a seu povo e aos seus saberes.

Palavras-chave: Sentidos. Mulher Negra. Texto Literário.

Introdução

Analisar um texto a partir de um procedimento de análise que toma como base teórica a Semântica do Acontecimento², teoria desenvolvida por Eduardo Guimarães, é falar de um lugar que vê o texto como uma unidade de significação que está sempre nos interrogando e nos apontando caminhos para a descoberta de sentidos divididos, oriundos de lugares sociais diversos, atrelados a lugares de dizer também distintos. É compreender que um texto não é um mero conjunto de frases e parágrafos, mas uma “unidade de sentidos que integra enunciados no acontecimento de enunciação” (GUIMARÃES, [2012] 2017, p. 25).

¹ Doutoranda em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Brasil, sob orientação da Professora Sheila Elias de Oliveira; Professora da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes (FNSL – Porto Seguro – BA) e da rede municipal de Porto Seguro Bahia; pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED/UNICAMP); pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica (GEPES-UESB); E-mail: florisbete@gmail.com

² As reflexões que aqui apresento se inscrevem no projeto desenvolvido pelo grupo de pesquisa Linguagem, Enunciação, Discurso (LED), na Universidade Estadual de Campinas, sob coordenação da Professora Sheila Elias de Oliveira (UNICAMP) e do Professor Vinícius Massad Castro (UFTM), e no projeto desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica – GEPES, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/ Vitória da Conquista, sob coordenação dos Professores Adilson Ventura da Silva e Jorge Viana Santos. Tais grupos são compostos por estudiosos da significação da linguagem, em diferentes textos, a partir de uma tomada de posição materialista.



Colocando-nos no lugar de semanticista, especificamente no lugar teórico da Semântica do Acontecimento, ressaltamos que, embora o texto literário traga elementos interessantes para se compreender uma análise, não vamos nos ater às especificidades da narrativa e do discurso literário, e sim ao texto enquanto unidade que integra enunciados, cujos elementos, em suas interrelações no acontecimento enunciativo, mobilizam sentidos que são constituídos no funcionamento político da língua.

Assim, ao analisarmos esse texto literário, nossas discussões se filiam ao materialismo histórico, uma vez que tomamos a literatura como uma prática política que afeta os modos de ser, de fazer, distribuindo lugares, apresentando conflitos na partilha do sensível, esta entendida como “distribuição e redistribuição dos lugares e das identidades, corte e recorte dos espaços e dos tempos, do visível e do invisível, do barulho e da palavra” sistema que “introduz novos sujeitos e objetos”, que “torna visível o que não era visto” (RANCIÈRE, 2010, p. 21). Uma prática política em que se identifica um jogo de embates na busca pelo direito de dizer, instalando-se, assim, “um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento (GUIMARÃES, [2002] 2005, p. 16). Um político que “permite o movimento, a inclusão e a produção de condições de igualdade, segundo o modo como se dá o embate das forças em jogo” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 45).

Nesse sentido, nos propomos a analisar como a mulher negra¹, configurada na personagem Tia Nastácia, é significada na obra literária de Monteiro Lobato, *Histórias de Tia Nastácia*. A opção por uma obra deste autor justifica-se pelo conflito que se instalou no espaço de enunciação brasileiro, após denúncias de que havia discussões de cunho racista em uma de suas obras², o que levou o Conselho Nacional de Educação a emitir um parecer, sugerindo que a referida obra não fosse distribuída para as escolas públicas³. O fato de *Histórias de Tia*

¹ Usamos o termo negro/negra, partindo da afirmação do Professor Cristiano Rodrigues, pesquisador do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, de que tanto um termo quanto o outro pode ser utilizado, porque os termos negro e preto são intercambiáveis. In: MARTINS, Humberto; CRUZ, Márcia Maria (2020). *Negro ou preto? Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história*. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml. Acesso em: 10 fev.2021.

² Trata-se da obra *Caçadas de Pedrinho*, indicada pelo PNBE, para distribuição nas escolas públicas brasileiras.

³ PARECER CNE/CEB Nº: 15/2010. Brasília, (DF), 1º de setembro de 2010. Conselheira Nilma Lino Gomes – Relatora.

Nastácia continuar na lista de acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)⁴ aponta para a interpretação de que essa obra coaduna com as políticas públicas de gênero e para uma educação antirracista.

Histórias de Tia Nastácia e a questão da mulher negra: sentidos divididos no acontecimento

Histórias de Tia Nastácia é um livro de Monteiro Lobato, publicado em 1937. O enredo se inicia com uma ideia de Pedrinho, o qual, baseando-se em uma informação de que uma negra por nome Esméria, escravizada por seu avô, era uma exímia contadora de histórias, resolve pedir à tia Nastácia para contar algumas histórias, partindo da hipótese de que, como ela também é negra, deve ter uma experiência vasta acerca dos contos populares que fazem parte dos saberes do povo brasileiro.

A obra é composta por 44 histórias, 37 delas contadas pela Tia Nastácia e 07 contadas por Dona Benta, que assume essa tarefa quando Nastácia interrompe a narrativa, alegando que precisa preparar o jantar. Entre uma história e outra, há diversos comentários dos personagens (Pedrinho, Narizinho, Emília, Dona Benta e a própria Tia Nastácia – únicos do Sítio do Pica Pau Amarelo que dialogam na obra) acerca das histórias, principalmente por parte da boneca Emília e de Dona Benta, cujos enunciados estabelecem uma depreciação dos saberes populares, ao afirmarem que “as histórias folclóricas são bastante bobas” (Emília, *In*: LOBATO, 2002, p.13), “sem o apuro artístico dos grandes escritores, criadas por um povo sem cultura nenhuma, ignorantes” (Dona Benta, *In*: LOBATO, 2002, p. 23).

Embora haja outros acontecimentos na obra, que são interessantes para análise, o que nos interessa, nesta discussão, são os sentidos construídos para a mulher negra, nos dizeres de Pedrinho, Dona Benta e Emília, quando se referem à Tia Nastácia, seu povo, sua cultura, seus conhecimentos. A escolha dessa questão como objeto de análise justifica-se pela inquietação que nos toma, à medida que a obra é lida, quando nos deparamos com enunciados cujos sentidos

⁴ O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado em 1997 e substituído, em 2018, pelo PNLD Literário, teve o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura a alunos e professores, por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência, como informa o Ministério da Educação e Cultura, *In*: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>.

parecem apontar para um distanciamento dos objetivos das políticas públicas para uma educação antirracista e para a valorização da mulher negra.

Ressaltamos que o nosso objetivo não é fazer uma denúncia da obra, mas compreender os sentidos postos por ela, em relação à mulher negra, esperando contribuir para a reflexão da importância de se trabalhar uma obra literária não apenas como uma mera obra de ficção, e sim como o lugar dos sentidos, do conflito, do funcionamento da língua afetada pela exterioridade, pelas condições sócio-históricas, o que poderá auxiliar na identificação de memoráveis marcados por estereótipos⁵ que se atualizam nos acontecimentos, trazendo-os para o centro das discussões em sala de aula, visando a sua problematização e renovação dos olhares com que se olham os sujeitos e suas relações com o mundo.

Para analisar os sentidos que compõem os enunciados de Pedrinho, Dona Benta e Emília, tomaremos como base o conceito de designação, uma relação linguística constituída de sentidos construídos no acontecimento, através da qual o real é significado na linguagem, mas essa projeção não se dá de forma direta, sua produção ocorre mediante relação entre as palavras, resultando na construção de sentidos (GUIMARÃES, [2002] 2005).

Para compreender os sentidos construídos nas cenas enunciativas, utilizamos os procedimentos de articulação e reescrituração. O primeiro procedimento estabelece relações semânticas pela forma como os elementos linguísticos dão sentido a outros elementos em sua proximidade, mediante agenciamento enunciativo; o segundo consiste em redizer o que já foi dito, projetando para outros sentidos (GUIMARÃES, 2007, 2009).

Optamos, para análise dos sentidos postos nos dizeres dos referidos personagens, por fazer recortes, aqui entendidos como “fragmentos do acontecimento da enunciação, formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência”. Ao analisarmos esses recortes precisamos considerar que os sentidos estão sempre em movimento no texto, e que a uma análise se acrescentam outras que a ela estejam relacionadas. E nesse percurso se chega à interpretação do texto, em um processo onde os recortes são descritos, revisitados, inter-

⁵ Tomaz Tadeu da Silva, diz que estereótipo é uma “opinião extremamente simplificada, fixa e enviesada sobre as atitudes, comportamentos e características de um grupo cultural ou social que não aquele ao qual se pertence”. Ver Teoria cultural e educação – Um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

relacionados, “até que a compreensão produzida pelas análises se mostre suficiente para o objetivo específico da análise” (GUIMARÃES, 2010, p. 23-24).

O acontecimento de enunciação a que nos referimos é o responsável por instalar uma temporalidade, na qual o passado é representado pelo memorável, um recorte por ele realizado (pelo acontecimento), originando, a partir daí, a latência do futuro, compreendida como as diversas possibilidades de interpretação. O memorável não é uma lembrança individual, mas rememoração de enunciações, pois se apresenta como parte de uma nova temporalização, assim como a futuridade.

Sendo assim, o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um espaço novo onde os tempos convivem, criando condições para o sentido, para o acontecimento da linguagem e para a enunciação, esta designada como uma prática política que instala o conflito no centro do dizer, um acontecimento sócio-histórico onde se dá a relação do sujeito com a língua, abrindo a possibilidade de se pensar como o sentido se constitui historicamente (GUIMARÃES, [2002] 2005, 2007).

Os modos específicos de acesso à palavra no acontecimento são constituídos pela cena enunciativa, um espaço particular onde os lugares de enunciação no acontecimento são distribuídos. Esses lugares “são configurações específicas do agenciamento enunciativo para aquele que fala e aquele para quem se fala, que não são pessoas donas do seu dizer, mas lugares constituídos pelos dizeres” (GUIMARÃES, [2002] 2005, p. 23). Tais lugares são representados pelo Locutor (com L maiúsculo), responsável pelo dizer, pelo locutor x (com l minúsculo), que fala de um lugar social, e pelo enunciador, identificado pelo lugar de onde diz algo (GUIMARÃES, 2011).

Os enunciadores são apresentados como individual (quando o enunciador toma a palavra como sua, apresentando-se como se não fosse afetado pela história); genérico (apresenta o que diz como algo do conhecimento de todos); universal (enuncia de um lugar tido como sendo verdadeiro ou falso); e coletivo (representa a voz de um grupo específico, como uma única voz) (GUIMARÃES, [2002] 2005).

Análise das cenas enunciativas



O primeiro recorte faz parte da introdução da obra já apresentada, onde se instaura uma cena enunciativa em que Pedrinho, lendo um jornal, de repente para o que está fazendo e pede a Emília que pergunte a Dona Benta o significado de *folclore*. Após um embate provocado pela boneca, que exige o uso da palavra *por favor* na solicitação do neto de Dona Benta, ela faz o que ele pede e volta com a resposta desejada: “Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos – os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal” (LOBATO, 2002, p. 5). A curiosidade característica da personagem a faz perguntar por que o menino está interessado no assunto. Ele explica que teve a ideia de se informar, por meio de Tia Nastácia, sobre as histórias folclóricas do povo, porque acredita que ela, por ser uma “negra velha”, é muito sabida. Em seguida, o menino faz a seguinte afirmação:

[R1] **Tia Nastácia é o povo⁶. Tudo que o povo sabe** e vai contando, de um para outro, **ela deve saber**. Estou com o plano de **espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela** (LOBATO, 2002, p. 5).

Nesta cena enunciativa, Pedrinho toma a palavra como locutor-curioso, aderindo, em primeiro plano, ao modo de dizer do enunciador-individual, e isso faz com que esse dizer seja marcado pela personalidade. O locutor também mobiliza o enunciador-genérico, para apoiar o seu dizer, o que pode ser notado na retomada de um dito popular – “se espremer sai alguma coisa”.

Após a afirmação de Pedrinho, acerca de Tia Nastácia, e o que ele supõe que ela saiba, Emília apresenta a seguinte opinião:

[R2] Não está má a idéia, não, Pedrinho! **Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa** e nem percebe (LOBATO, 2002, p. 6).

Emília toma a palavra como locutor-avaliador, que assume um modo de dizer associado a um enunciador-individual, onde se realiza uma avaliação sobre a ideia de se buscar respostas acerca dos saberes de Tia Nastácia [**Não é má ideia**], bem como um modo de dizer de um enunciador-coletivo, que inclui o locutor como parte das pessoas que não percebem as coisas interessantes no espaço doméstico, como podemos observar na marca da primeira pessoa do

⁶ Todos os destaques em negrito são nossos.

plural, representada pela forma linguística **a gente** [Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.]. Vale ressaltar que Tia Nastácia é essa coisa interessante citada pela personagem, dizer que já aponta para uma discriminação em relação a essa mulher negra.

Os sentidos projetados sobre Tia Nastácia, nesta cena enunciativa, apresentam-se divididos. Para melhor compreensão, vamos utilizar o Domínio Semântico de Determinação (DSD), procedimento que explica como funciona o sentido da palavra no texto. Esse processo se dá, segundo Guimarães (2005), por meio da relação enunciativa que uma palavra mantém com outras na enunciação, relação esta responsável por constituir essas palavras de sentidos.

Vejamos, então, dois DSD das cenas enunciativas dos recortes um [R1] e dois [R2]:

DSD 1: Tia Nastácia, para o locutor-curioso ([R1])	DSD 2: Tia Nastácia, para o locutor-avaliador ([R2])
<p>algo que pode ser espremido ⊥ saberes populares ⊣ TIA NASTÁCIA ⊢ povo</p>	<p>TIA NASTÁCIA ⊣ coisa (⊣, ⊥, ⊢) – Lê-se: determina</p>

Vamos mobilizar o conceito de reescrituração, apresentado por Guimarães como “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. É a reescrituração que “coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição de sentido de um texto” (GUIMARÃES, 2007, p. 84).

Retomando a análise, observamos que, no dizer do locutor-curioso, no DSD [1], Tia Nastácia é definida como **povo**, o que nos permite inferir que ela é significada nesse dizer como uma representatividade de negros e negras. E esta reescrituração por definição também pode ser identificada, na cena enunciativa, como uma reescrituração por condensação, já que resume o que é ampliado, pelo processo de expansão, nos enunciados que seguem, retomando a definição: ela é conhecedora dos saberes populares, já que é possível **tirar o leite do folclore que há nela**.

O dizer do locutor também predica Tia Nastácia como uma mulher que pode ser sábia [**deve saber**], mas esse saber não está atrelado ao conhecimento científico, e sim a um saber folclorizado, um saber oriundo de histórias que o povo vai contando, de geração a geração. Essa significação apaga a contribuição do povo negro em outros processos de produção intelectual em nosso país, nas diversas áreas do conhecimento, bem como reitera o epistemicídio que

negras e negros vêm enfrentando ao longo da história, os entraves constantes em sua luta pela garantia dos seus direitos em participar dos espaços de poder nas instituições acadêmicas, como bem acentuam Abdias do Nascimento ([1980] 2019) e Sueli Carneiro (2011).

No dizer do locutor, Tia Nastácia é destituída da sua condição humana, uma vez que ela é algo que pode ser espremido [**Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.**]. Os sentidos produzidos pelo verbo **espremer** e **tirar**, articulando-se com o substantivo **leite**, significa essa mulher negra como um animal, cujas tetas são espremidas, a fim de, dali, **tirar o leite**.

Essa destituição da condição humana também é identificada no dizer do locutor-avaliador, que define Tia Nastácia como uma **coisa**, como qualquer objeto, diríamos, que faz parte da decoração da casa, muitos dos quais são pouco notados.

Nesse jogo de sentidos, é possível identificar, no dizer do locutor-curioso e no dizer do locutor-avaliador, o estereótipo da animalização/coisificação significando Nastácia, e isso traz para o presente, a discriminação sofrida por seus antepassados, à medida que o acontecimento da enunciação recorta um memorável histórico da escravização dos africanos e seus descendentes no Brasil, quando sofreram violências das mais diversas, representadas, por exemplo, na resistência, por parte do colonizador, em enxergá-los como homens e mulheres, tratando-os como coisas, uma peça que se adquiria nas grandes feiras, ou ainda como animais, quando, por exemplo, eram obrigados a trabalhar acorrentados ou açoitados com um chicote, amarrados aos pelourinhos espalhados nas grandes fazendas.

Desse modo, os locutores naturalizam essas violências sofridas. O primeiro, quando apresenta a ideia de espremer Tia Nastácia; o segundo, quando considera que essa ideia não é má. E esses atos de violência não foram extintos em nossa sociedade, eles acompanham a história de negras e negros, marcando suas vidas e seus corpos. Como afirma Carneiro (2019, p. 1), essa violência poderia ser considerada uma situação do passado, todavia continua viva no imaginário social, adquirindo “novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão”. Ainda segundo a autora, a experiência vivida pelas mulheres negras foi violenta, mas o “discurso clássico sobre a opressão da mulher” não a reconhece, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida provocou e ainda provoca em suas identidades.

Esse memorável atrelado ao processo de animalização dos negros é recortado em outras cenas enunciativas da obra. Em uma cena, Tia Nastácia narra o conto “A princesa ladrona”, cujo enredo retrata a história de uma princesa que enganava todos os homens que passavam por seu castelo, roubando o seu dinheiro e prendendo-os, em seguida. Ao final da narrativa, Nastácia recita um dito popular muito utilizado pelas contadoras e contadores de histórias: “E eu lá estive e trouxe um prato de doces, que caiu na ladeira. Entrou por uma porta, saiu por um canivete; manda o rei meu senhor que me conte sete”. Isso provoca alguns comentários, por parte dos ouvintes, dentre os quais destacamos o da personagem Emília, que após exaltar a cultura europeia, sob os gritos de **Viva Andersen! Viva Carroll!**⁷, diz:

[R3] — Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas **histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras** — coisa mesmo de **negra beijuda**, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto... (LOBATO, 2002, p. 24).

Retomando a discussão sobre o saber e suas significações, identificamos, nesta cena enunciativa, sentidos divididos em relação à cultura africana e à cultura europeia, aqui configuradas nas histórias contadas por Tia Nastácia e nas histórias contadas por autores europeus, estas últimas exaltadas no dizer de Emília, por meio dos gritos **Viva Andersen! Viva Carroll!** Essa exaltação cria uma relação de antonímia que aponta para a interpretação de que tudo que é dito em relação à cultura de Tia Nastácia se apresenta de modo contrário quando se trata da cultura europeia.

Vejamos o DSD que segue:

DSD 3: HISTÓRIAS AFRICANAS E HISTÓRIAS EUROPEIAS ([R3])



⁷ Escritores europeus da literatura infanto-juvenil. Dentre as obras de [Hans Christian Andersen está](#) “O soldadinho de chumbo”. [Lewis Carroll escreveu, dentre outras obras, “Alice no País das Maravilhas”.](#)

(————) – Lê-se: **antonímia, em oposição**

cultas

(↓, ⊥, ⊤, †) – Lê-se: **determina**

O Locutor, que toma a palavra como locutor-preconceituoso-racista, adere ao modo de dizer individual e faz uso da reescrituração por substituição, para designar as histórias do povo como **estudos da ignorância e burrice**, dizer que predica o povo (o povo negro como a Tia Nastácia) como ignorante e burro, cujas histórias são **grosseiras e bárbaras**. Analisando o enunciado seguinte [**coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia**], é possível identificar Tia Nastácia como representante desse povo, o qual, no dizer do locutor, é significado como ignorante e burro, grosseiro e bárbaro, já que tais histórias são construídas e narradas por ele.

A palavra **beijuda**, usada pelo locutor, para predicar Tia Nastácia, constrói sentidos que a estigmatizam, já que beijudo está relacionado a beijos, substantivo usado para nomear as partes externas que contornam a boca dos animais. Desse modo, mais uma vez essa mulher negra é discriminada por meio de significações que a identificam como um ser desprovido de conhecimento, de inteligência, de civilização, de humanização.

Observamos, nesse espaço de enunciação, uma divisão hierárquica gerando um conflito que coloca não apenas as histórias de brancos europeus (as histórias de Carroll e Andersen) em posição superior às histórias de negros africanos, como também reforça a exclusão destes últimos, significando-os como meros figurantes nesse espaço político de luta pelo pertencimento, projetando sentidos que desvalorizam seus saberes. Além disso, é possível afirmar que o sentido de desumano, atrelado à palavra bárbaro, aponta para outros sentidos divididos: o civilizado é humano, é gente; o não civilizado, o bárbaro, não tem humanização, é selvagem. Sendo assim, há uma noção de civilização que visa colocar no mesmo lugar todos os homens, e isso provoca uma divisão, já que as diferenças são apagadas, os saberes são organizados de forma hierárquica.

Seguindo a análise, ainda sobre a discussão acerca do memorável atrelado à não humanização, em outra cena enunciativa Tia Nastácia narra a história “O pássaro preto”, o qual fugiu do cativo, levando no bico o filho do seu senhor, que chega ao final da história, já adulto, como um grande vencedor. Ao ser questionada por Narizinho, sobre o que ela entende por pássaros de pluma, Nastácia responde que não sabe, mas no fim acaba dizendo, meio incerta, que é pássaro de pena. Então Emília chama a sua atenção, dizendo:

[R4] — E já viu pássaro que não seja de pena, **sua tola?** — disse Emília. — O que vale é que **você mesma confessa não ter culpa das idiotices da história, senão eu cortava um pedaço desse beijo** (LOBATO, 2002, p. 28).

Em outra passagem, Tia Nastácia narra a história intitulada “A mulher dengosa”, que na frente do esposo ficava cheia de dengues, estava sempre sem apetite, mas quando ele saía, devorava a alimentação disponível na casa. Desconfiado, o esposo fingiu que ia viajar, e assim descobriu a farsa. Ao final da história, travou-se um diálogo sobre comidas, e Pedrinho comentou que estava com vontade de comer mandioca cozida, com melado e rapadura, afirmando que esse alimento é **coisa da gente lamber os beiços**. Diante desse comentário, Emília o corrige:

[R5] — **Beiço é de boi** — protestou Emília. — **Gente tem lábios**. (LOBATO, 2002, p.76).

Mais uma vez a tomada da palavra se dá do lugar social de locutor-preconceituoso-racista, mobilizando novamente o enunciador-individual, modo de dizer que continua significando Tia Nastácia e seus saberes de forma preconceituosa/racista, uma vez que utiliza o adjetivo **tola** como uma espécie de xingamento e o substantivo **idiotices** para predicar as histórias contadas por ela. Outro aspecto importante a se observar, diz respeito aos sentidos postos para a palavra **beijo**, nas duas cenas enunciativas. Para melhor analisar essa questão, vejamos o DSD:

DSD 4: QUEM TEM BEIÇO E QUEM TEM LÁBIOS ([R4]; [R5])

beijo | TIA NASTÁCIA ----- bicho
⊥
BOI

lábios | PEDRINHO ----- gente
⊥
GENTE

(-----) – Lê-se: **sinônimo** (———) – Lê-se: **antonímia, em oposição** (|, ⊥) – Lê-se: **determina**

No DSD, vemos que as relações de sentido que constituem o dizer do locutor apresentam o substantivo **beijo** determinando **Tia Nastácia** e **boi**, e o funcionamento da língua, nessa relação, coloca essa mulher negra e o animal no mesmo plano de significação, criando o sentido de que ela é sinônimo de bicho. O substantivo **beijo** aparece nesse dizer de forma oposta ao



substantivo **lábios**; estes determinam **Pedrinho** e **gente**, produzindo o sentido de que a palavra **beijo** não pode ser usada para pregar pessoas. Desse modo, a enunciação de que **Nastácia** tem **beijos**, e não **lábios**, projeta sentidos que a qualificam como animal.

Novamente a defesa da violência física aparece no dizer de **Emília**, na afirmação de que, se **Nastácia** tivesse culpa, teria seus **lábios** cortados por ela [**você mesma confessa não ter culpa das idiotices da história, senão eu cortava um pedaço desse beijo.**], o que reitera a discussão de intelectuais negros, a exemplo de Nascimento ([1980], 2019) e Carneiro (2011, 2019), de que a violência contra o corpo negro é naturalizada, tem se reproduzido neste país desde o período da colonização.

O preconceito em relação à **Tia Nastácia** também aparece na enunciação de **Dona Benta**, quando os personagens comentam a história “A princesa ladrona”, cujo enredo foi anteriormente descrito. Depois de ouvir as críticas depreciativas de **Emília**, em relação às histórias populares (**atrapalhadas**) e às contadoras dessas histórias (**não entendem o que dizem**), bem como sua exaltação às histórias de Lewis Carroll e Hans Christian Andersen (**Viva Andersen! Viva Carroll!**), a avó de **Pedrinho** e **Narizinho** concorda com ela:

[R6] — Sim — disse dona Benta. — Nós **não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores**. O povo... **Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem** e que **outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda.** (LOBATO, 2002, p. 24).

Dona Benta, ao tomar a palavra também como locutor-preconceituoso-racista, mobiliza um enunciator-individual e um enunciator-universal que projetam sobre o povo sentidos que negam o seu direito de dizer, o identificam como um povo sem conhecimento suficiente para ter voz em um espaço em que se destaca **o apuro artístico dos grandes escritores** (europeus). E **que é o povo?** Para tal questão, são apresentadas definições: **são as pobres tias velhas, como Nastácia**; o povo é o **sem cultura nenhuma; que nem ler sabe; que só sabe ouvir e repetir histórias de outras criaturas igualmente ignorantes.**

Vejamos essa relação de sentidos no DSD:

DSD 5: SENTIDOS DE POVO E SENTIDOS DE TIA NASTÁCIA ([R6])

Nastácia, tias velhas

\perp
 Pobres, sem cultura | POVO | nem sabe ler, só repete histórias
 \top
 Ignorante

(|, \perp , \top , |) – Lê-se: **determina**

Iniciemos a análise discutindo o funcionamento da palavra **que**, a qual identificamos morfologicamente na enunciação do locutor como um pronome interrogativo. Ao tomarmos a língua como objeto histórico afetado pela exterioridade, observamos, nas práticas discursivas dos falantes dessa língua, aqui compreendidos não como pessoas físicas e sim como figuras políticas constituídas pelo espaço da enunciação, o uso da referida palavra, para coisas, lugares, objetos.

Quando a pergunta refere-se a pessoas, geralmente é utilizado o pronome *quem* (*Quem é esse povo?/ Quem é Tia Nastácia?*). Desse modo, no enunciado **Que é o povo?**, seguido de outros enunciados que trazem a sua definição, estão postos sentidos que predicam esse povo como coisa. E quem é esse povo? A informação que parte do lugar social do dizer é que esse povo é significado como demonstra o DSD: **Nastácia, tias velhas, pobres, sem cultura, ignorante, quem nem sabe ler, só repete histórias.**

E quem é Nastácia, nesse espaço político de enunciação? Se povo é definido a partir de uma relação à Tia Nastácia, é possível dizer que é o povo negro que mais uma vez a enunciação está trazendo para o centro da discussão, o que nos permite concluir que esse modo de dizer individual ao qual adere o locutor, significa o povo negro, incluindo Nastácia, como coisa, objeto.

Seguindo a análise, vamos observar outra designação projetada sobre o povo negro, em oposição aos escritores europeus, designados por Emília e Dona Benta como grandes escritores:

DSD 6: POVO NEGRO E OS GRANDES ESCRITORES (POVO EUROPEU) ([R6])

sem cultura nenhuma
 \perp
 repetição | POVO NEGRO | nem ler sabe
 —————
 GRANDES ESCRITORES (EUROPEUS)
 \top
 apuro artístico

(————) – Lê-se: **antonímia, em oposição**

(|, \perp , \top , |) – Lê-se: **determina**

O funcionamento da língua, no DSD seis, coloca o povo negro, significado como **sem cultura nenhuma**, em uma posição de inferioridade em relação aos grandes escritores como Andersen e Carroll, os quais representam o povo europeu, e aí estão significados como pessoas que têm **apuro artístico**.

Entendemos a cultura em sua relação com a história, e aqui trazemos o conceito desenvolvido por Nilma Lino Gomes, para quem a cultura “diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social” (GOMES, 2003, p. 75). Nesse sentido, se a cultura é construída pelos sujeitos, em suas relações com o mundo, com a história, não existe sujeito desprovido de cultura, e isso contradiz os sentidos postos pelo lugar social de dizer mobilizado no referido enunciado, este marcado pela forma linguística [**nenhuma**] que pode ser reescriturada por **nem uma**, o que aponta para a interpretação de que o povo negro é desculturado, ou seja, seu grau de cultura é zero.

Nos dois DSD, a enunciação reforça o sentido de inferioridade, quando esse povo é predicado como aqueles que **nem ler sabem**. É interessante pensar no jogo de sentidos que se instala no uso da palavra **nem**, aí funcionando como um advérbio de negação que enfatiza a falta de apuro artístico desse povo, de criatividade, de leitura, em relação ao outro (europeu), e mais uma vez temos a língua atravessada pelo político, marcada pela divisão, já que saber ler inclui alguns sujeitos e exclui outros, mas não é só isso, há um outro dizer silenciado nesse jogo de sentidos. Todavia, é um não dito que se abre para outras interpretações, atravessando as palavras, indicando que o sentido pode ser outro, como diria Orlandi (2007). O advérbio de negação **nem** aponta para o sentido de que o povo negro é tão selvagem, tão ignorante, que não é capaz de aprender um dos requisitos mínimos para ser considerado civilizado: a leitura. E se Tia Nastácia representa esse povo negro, todas esses sentidos apontam em sua direção.

Considerações Finais

As análises desenvolvidas apontam para sentidos que nos levam a pensar que a obra *Histórias de Tia Nastácia* parece não coadunar com as políticas de valorização da mulher, tampouco com uma educação antirracista, defendida pelas Políticas de Promoção da Igualdade

Racial, as quais lutam pela valorização dos diversos segmentos populacionais que formam a sociedade brasileira, incluindo a população negra, que vem, ao longo dos séculos, lutando por direitos que lhes foram e ainda são negados.

Foi possível identificar, nos acontecimentos aqui analisados, sentidos que reforçam o preconceito e o racismo em relação à mulher negra, a seu povo e aos seus saberes. Não negamos a configuração de acontecimentos, na referida obra, que definem a mulher negra e seu povo como gente, mas ainda assim é uma gente predicada pela barbárie, pela ignorância, pela desculturação, pela idiotice, uma gente que necessita ser civilizada nos moldes da cultura branca, europeia, cristã, uma gente pobre coitada, tão desprovida de civilização e conhecimento que dela nada se pode exigir.

Assim, os resultados da análise apontam para a relevância de se trabalhar essa obra literária levando em consideração sua relação com a história, não a história marcada pela estabilidade, mas uma história em movimento, em construção, uma história que afeta as produções e a existência dos seus sujeitos, ao mesmo tempo em que é afetada por eles. Desse modo, a literatura, como parte desse mundo, não ficará ausente dos palcos de discussões acerca dos conflitos, das tensões e divisões inerentes ao espaço de enunciação brasileiro, podendo ser utilizada pela escola como um dos meios de combate ao racismo, à discriminação e ao preconceito racial.

Referências

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas** – NEABI/UNICAP, Pernambuco, jul. 2019. Disponível em: www.unicap.br/neabi/?page_id=137. Acesso em: 20 ago. 2019.

ELIAS DE OLIVEIRA Sheila. Sobre o funcionamento do político na linguagem. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, 34, Campinas: CNPQ - Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, 2014. p. 41 – 54. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao34/artigo2.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2016.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 75-85, ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acesso: em 10 ab. 2019.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo [2002]. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M.C. **A palavra**: forma e sentido. Campinas: Pontes, RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637219>. Acesso em: 17 mar. 2015.

GUIMARÃES, Eduardo. Quando o eu se diz ele: análise enunciativa de um texto de publicidade. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 29, p. 15-40, jun. 2010. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/172>. Acesso em: 17 mar. 2015.

GUIMARÃES, Eduardo. Língua e enunciação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 30, 2011. Disponível: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/download/1690/4235>>. Acesso em: 15 ab. 2015.

GUIMARÃES, Eduardo [2012]. **Análise de texto**: procedimento, análise, ensino. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. 32.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

NASCIMENTO, Abdias do [1980]. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africana. 3.ed. São Paulo, Perspectiva; Rio de Janeiro, IPEAFRO, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Editora da UNICAMP, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. A estética como política. **Devires**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 14-36, jul/dez 2010.